
Democratização da ciência e jornalismo científico: um estudo das notícias sobre Ciência e Tecnologia no G1¹

Júlia Teixeira LOURENÇO²
Abraão Filipe Marques de OLIVEIRA³
Ricardo Duarte Gomes da SILVA⁴
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

Resumo

O presente artigo se propõe a apresentar um estudo, ainda em andamento, sobre Ciência e Tecnologia da editoria intitulada “Saúde e Ciência” no Portal G1, do grupo Globo, justificado pelas pesquisas que questionavam a baixa representação do Jornalismo Científico no Intercom Júnior (SOUZA; COUTINHO, 2017). A análise usa meios quantitativos e qualitativos para compreender as narrativas construídas em cima do objeto noticioso científico, usando estudos anteriores como os de Castelfranchi (2010), Oliveira (2002) e Bertolli Filho (2006), além de buscar abrir novas discussões, tendo em vista, principalmente, o papel democrático que o jornalismo científico exerce ao comunicar ciência ao público geral nas plataformas online.

Palavras-chave: Ciência & Tecnologia; G1; Jornalismo Científico; Jornalismo Online

1. Introdução

A divulgação científica nasce com o próprio advento da imprensa, passando pela revolução científica até chegar no modelo que se apresenta hoje. Na contemporaneidade, o jornalismo científico não se restringe à cobertura de assuntos específicos de Ciência e Tecnologia (C&T), mas pode estar presente em qualquer editoria: geral, de política, economia, policiais e até esportes (OLIVEIRA, 2002). Nesse sentido, entende-se que a divulgação científica acompanhou não somente as tendências mundiais do próprio meio tecnológico e científico, mas seguiu as transformações da plataforma em que está inserida, estando presente também nos ramos do jornalismo

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Bolsista de Iniciação Científica (PROBIC/FAPEMIG). Estudante de Graduação do 3º. período do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV-MG, e-mail: julia1922011@gmail.com.

³ Bolsista de Monitoria da disciplina Narrativas Jornalísticas I. Estudante de Graduação do 3º. período do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV-MG, e-mail: abfilipe@gmail.com.

⁴ Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social – UFV, e-mail: rduarte@ufv.br.

online. Agora as marcas desse jornalismo são mais complexas: “mais atores atuantes, mais circularidade, algoritmos, inteligência artificial, mais computação em seu interior” (BERTOCCHI, 2014, p.2).

A partir dessas duas considerações a respeito do jornalismo científico e de plataformas online, o presente artigo procura identificar e analisar as notícias de Ciência e Tecnologia em um dos principais sites de notícias brasileiros, o *GI.com*⁵ – pertencente ao Portal “Globo.com” (das Organizações Globo). A proposta, então, é realizar um estudo quantitativo e qualitativo do discurso e das representações feitas nesse site, a fim de aprofundar as discussões sobre de que forma as notícias de Ciência, Tecnologia e Inovação aparecem no jornalismo online e sobre democratização da ciência, a partir da estruturação das narrativas C&T no Brasil.

2. Contextualizando ciência, jornalismo online e divulgação científica no Brasil

O Brasil, nos últimos anos, vem despontando como um grande produtor de ciência. A *National Science Indicators* (NSI)⁶ indica que os artigos e teses envolvendo ciências e engenharia produzidos aqui são mais numerosos que em países desenvolvidos como Espanha, Austrália e Polônia. Isso nos mostra que se produz ciência em nosso território mesmo com os problemas de um país emergente. Sendo assim, logicamente, a divulgação científica também é feita em terras brasileiras.

Por outro lado, temos a popularidade dos sites online de notícia. De acordo com a base de dados da plataforma *Alexa*⁷, no ranking de sites mais acessados do Brasil, páginas de notícias ocupam quatro das dez primeiras posições. Então, entende-se, a partir dessas informações, que os brasileiros consomem frequentemente notícias dos periódicos online. Isso é particularmente pertinente no contexto de um país em

⁵ Segundo uma pesquisa do Ibope/Conecta sobre sites e portais de notícias brasileiros, realizada em 2015 entre internautas, o G1 é considerado a plataforma que mais estimula a cidadania e promove a defesa de causas da saúde, educação e direitos humanos. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Pesquisa-aponta-sites-e-portais-que-promovem-cidadania-e-economia.aspx>.

⁶ Dados referentes ao período de 2006 a 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2ATJnjf>.

⁷ Site da Amazon responsável por disponibilizar informações sobre a popularidade de um site com relação ao número de acessos: <https://www.alexa.com/siteinfo>.

desenvolvimento, no qual os meios de comunicação de massa são umas das principais fontes de informação sobre ciência e tecnologia (KLAUS, 2003).

É notório, como aponta Castelfranchi (2010), que comunicar ciência ao público geral é uma questão primordial, pelo fato de ser uma das bases da democratização do conhecimento. Mais do que isso, esta é uma demanda quase que imperiosa em uma sociedade que se denomina em rede como a nossa. Por isso, o jornalismo científico também é passível de estudos na comunicação, já que esse campo é, muitas vezes, compreendido como uma das formas de colocar a ciência na agenda da sociedade. Existe, então, nesse processo a extrema necessidade de entender a que narrativas estão sendo expostos aqueles que não têm por hábito e acesso a divulgação de ciência.

Além de tudo, pesquisar a ciência é, ainda, entender as formas de abordagem da comunicação de C&T como algo voltado à informação, ao invés de celebrar e enaltecer as instituições. Isso poderá contribuir também para a formação de jornalistas científicos mais críticos e questionadores, e menos acomodados aos limites das fontes oficiais e das instituições de pesquisa e desenvolvimento.

O entendimento da imprensa como um espaço em que os acontecimentos são revividos e ganham vida simbólica (FRANÇA, 2012) é uma das justificativas da necessidade de estudos como esse na área da comunicação. Pode-se tomar alguns exemplos, como o caso da fosfoetanolamina, que foi noticiada como droga responsável pela cura do câncer, mesmo que sem passar por estudos de apreciação por parte da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)⁸. Outro episódio, conta Fioravanti (2013), se deu em 1983, quando uma das revistas semanais mais respeitadas do Brasil publicou uma matéria sobre o cruzamento celular entre bois e tomates. Sem contestar, os jornalistas entrevistaram os pesquisadores que lhes garantiram que aquela era uma inovação real da área⁹. Três meses depois, o jornal Estado de São Paulo publicou uma matéria dizendo que a notícia original era uma brincadeira de primeiro de abril da revista inglesa *New Scientist*.

⁸ Notícia foi repercutida pelos principais portais de notícia:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2015-10/substancia-usada-em-tratamento-contr-o-cancer-divide-opinio-de-especialistas>, levando a Anvisa a divulgar uma nota sobre o assunto: <https://bit.ly/2UGJtWO>.

⁹ A matéria pode ser lida em: <http://www.novomilenio.inf.br/festas/1abril7.htm>.

Recentemente, um outro fato também se associa a esse cenário. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) divulgou, em 02 de agosto de 2018, um ofício ao Ministério da Educação (MEC) informando que, se os cortes previstos para 2019 fossem aplicados, aproximadamente 200 mil bolsistas perderiam seu fomento à pesquisa¹⁰. A notícia repercutiu instantaneamente, circulando nas redes sociais: surgiram pessoas apoiando por julgar que a ciência no Brasil é desperdício de verba e outras criticando o governo pelos cortes. Estas se manifestaram criando a *hashtag* “#MinhaPesquisaCAPES”, em que cientistas contavam resumidamente em suas redes sociais (principalmente no Facebook e Twitter) do que se tratavam seus estudos. Milhares de internautas aderiram a manifestação, divulgando seus próprios estudos ou apoiando os pesquisadores na forma de comentários positivos. Na noite do dia 03, o Ministério se pronunciou contra os cortes, dizendo que não haveria suspensão do pagamento das bolsas da CAPES.

A ciência, que até então representava para os leigos um elefante branco no meio das contas públicas, foi reconhecida, ainda que por pouco tempo, como algo que geraria retornos concretos à sociedade. Mesmo sem saber, os manifestantes fizeram, de certa forma, uma espécie de divulgação científica. Contudo, a natureza volátil das redes sociais permitiu que a *tag* ficasse apenas por algum tempo nos primeiros lugares entre os assuntos mais comentados e quem passou a acompanhar as movimentações dos cortes da CAPES foram os jornais online, que por vezes agem como os maiores divulgadores da ciência. Tal acontecimento possibilitou uma percepção ainda maior da necessidade de se fazer divulgação científica em nosso país e a parcela da população com acesso à *tag* percebeu, mesmo com essa maneira enviesada de se divulgar, que a ciência e a manutenção desta são fundamentais.

Portanto, todo esse panorama, dada as suas devidas diferenciações, reflete a importância de se estudar o jornalismo científico e traz à tona sérios desafios do campo. Discutir jornalismo científico possibilita que equívocos como os apresentados não voltem a acontecer, pois haveria maior abertura para a cultura científica na mídia.

¹⁰ Mais informações em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2018/08/02/capes-diz-que-so-tem-verba-para-bolsas-de-pos-graduacao-ate-agosto-de-2019.htm> e <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/08/02/quase-200-mil-podem-ficar-sem-bolsa-se-orcamento-de-2019-sofrer-corte-diz-conselho-da-capes.ghtml>

Ademais, evitaria que jornalistas reproduzissem problemas de conceituação e erros razoáveis de apuração jornalística, além de garantir a superação do pré-conceito de que todo cientista é inquestionável. A imprensa deve optar por outros caminhos que não seja romantizar as matérias desta editoria e que não reforce a aura triunfalista de mistério e misticismo que cerca muitas das notícias de C&T (OLIVEIRA, 2002).

Finalmente, a escassez de artigos, teses e dissertações sobre o assunto pode ser apontado como um dos porquês deste estudo. Numa pesquisa utilizando as palavras-chave “jornalismo online e ciência” no Google Acadêmico, encontramos aproximadamente trinta mil respostas, mas dentre os arquivos publicados este ano, nenhum resultado com o mesmo viés desse é apresentado. Segundo Souza e Coutinho (2017), há um baixo interesse dos estudantes em desenvolver trabalhos ou pesquisas relacionados ao jornalismo científico: no período de 2009 a 2016, entre todas as publicações do Intercom Júnior Sudeste, apenas 0,05% dos artigos abordavam o tema. Para elas, a despeito dos avanços da produção científica no Brasil, a fraca contribuição às discussões está relacionada à ausência na abordagem do jornalismo científico pela tríade acadêmica, ou seja, no ensino, pesquisa e extensão.

3. Entre jornalismos: o quê noticiar, como e para quê?

Seguindo um pouco mais adiante, é importante perpassar na discussão sobre noticiabilidade, isto é, tentar compreender por que as notícias são como são; afinal, um jornal diário, por exemplo, não traz as mesmas pautas que uma revista semanal e, mais do que isso, o processo que orienta a seleção de temas abordados também é diferente. Há princípios norteadores, entretanto, que parecem ser comuns na constituição dos acontecimentos – são o que Nelson Traquina (2012) chama de “valores-notícia”. Segundo ele, esses elementos foram construídos historicamente e se baseiam nos contornos da identidade profissional da prática jornalística marcada nas sociedades e já interiorizada por elas.

Se ao longo das últimas décadas, entre estudos e pesquisas de diferentes países, tantas teorias já se propuseram a explicar os complexos processos de seleção e produção de notícias, pode-se confirmar que "o estudo do jornalismo demonstra claramente que o jornalismo está orientado para os acontecimentos e não para as problemáticas"

(TRAQUINA, 2012, p.29). Dessa forma, a divulgação científica também é definida e remodelada por essa cultura jornalística: as notícias em Ciência e Tecnologia tem seus próprios valores-notícias.

Ao pensar em divulgação científica, perguntas como “de onde viemos e para onde vamos?” orientam os escritos que geralmente se encontram nas páginas de C&T. Esse segmento da comunicação tem um histórico – muito caro para quem o faz, vale destacar – de desenvolvimento, consolidação e afirmação que se confunde com o próprio projeto da Modernidade. Porém, ao mesmo tempo, as inúmeras tensões entre mídia e comunidade científica geradas nesse percurso tornam relevante lançar luz à forma como o jornalismo científico é feito.

Com base nas definições já apresentados aqui e no modelo de valores-notícia trazido pelo Traquina (2012), Bertolli Filho (2006) resgata importantes autores que assinaram, entre os anos 70 e 90, obras dedicadas em identificar os parâmetros que guiam o processo de escolha de fatos noticiáveis no jornalismo científico. A partir das contribuições de Hiller Krieghbaum, Warren Burkett e Alton Blakeslee, ele indica uma lista com treze critérios de seleção das informações, produção e publicação de uma notícia científica.

No quadro abaixo, elaborado pela pesquisadora Doraci Masiero Jacobus (2018), em sua dissertação de mestrado, pode-se comparar e relacionar as similaridades entre os Critérios para seleção de notícias científicas e os Valores-notícia de seleção. Tais demarcações serão importantes no momento da análise do nosso objeto de estudo.

Critérios para seleção, produção e publicação de notícias científicas (Segundo Bertolli Filho, 2006)	Descrição dos critérios para seleção, produção e publicação de notícias científicas (Segundo Bertolli Filho, 2006)	Valores-notícia de seleção Critérios substantivos (Segundo Traquina, 2008)
1. Senso de oportunidade	Retomada de temas antigos a partir de um novo dado ou pesquisa apresentados por um cientista ou pela revelação de alguma informação sigilosa.	Novidade Tempo (atualidade)
2. “Timing”	Incidência de evento externo que desperta a atenção pública e “ressuscita” o interesse por algum assunto anterior.	Inesperado Notabilidade
3. Impacto	Quando se percebe que um tema, mesmo sem novidades, pode despertar o interesse do público. Medicina e saúde são sempre assuntos pautáveis.	Relevância (impacto sobre as pessoas)

4. Significado	Importância potencial de uma nova descoberta para a sociedade. Convém aos jornalistas buscarem instrumentalizar-se para identificar potencialidades em uma ou outra área de pesquisa.	Relevância (impacto sobre as pessoas)
5. Pioneirismo	Aproxima-se da ideia do “furo jornalístico”. Exige a capacidade do jornalista de avaliar, antes de publicar com ênfase, o real significado de uma nova descoberta anunciada.	Tempo (atualidade) Inesperado
6. Interesse humano	Temas que envolvam emoções humanas podem sensibilizar e mobilizar a sociedade para a ação, quer seja na adoção de atitudes saudáveis, quer seja no apoio a instituições de pesquisa.	_____
7. Personagens célebres ou de ampla exposição na mídia	Perfis e entrevistas com cientistas e especialistas já notáveis sempre despertam a atenção da audiência.	Notoriedade Tempo (efeméride) Morte Infração
8. Proximidade	Quanto mais perto o leitor está do evento ou acontecimento, maior será seu interesse no tema.	Proximidade
9. Variedade e equilíbrio	Programas, sessões, suplementos ou encartes científicos, para serem atrativos, devem contar com matérias variadas ou com a multiplicação de enfoques sobre um mesmo tema.	_____
10. Conflito	Ideias e posições divergentes de cientistas atraem a atenção do leitor e evidenciam que a ciência não é um campo de convicções hegemônicas e harmônicas.	Conflito ou controvérsia Infração
11. Necessidade de sobrevivência	Informações úteis para a saúde e o bem-estar físico e mental e debates sobre riscos de produtos e hábitos mobilizam a audiência.	Relevância (impacto sobre as pessoas)
12. Necessidades culturais	Matérias que abordam “estilos de vida”, seus benefícios e riscos e apresentam novas opções comportamentais. Refletem as discussões sociais em destaque no momento.	_____
13. Necessidade de conhecimento	“Paixão pelo saber” que o público alimenta. Desejo de inteirar-se e manter-se informado sobre temas relevantes para a vida em sociedade.	_____

Quadro 1 - Comparação entre Critérios para seleção, produção e publicação de notícias científicas e Valores-Notícia (Fonte: JACOBUS, 2018)

Portanto, para definir o fato científico como objeto noticioso, o jornalista vai mobilizar uma série de aspectos que não cabem ser aprofundados aqui, mas que vão desde o projeto editorial (uso de imagens, quadros, infográficos e outros recursos visuais) até os tempos verbais (gramática dos sentidos), utilizados para inscrevê-lo na

temporalidade própria das construções narrativas do contexto, trazendo a discursividade da atualidade/factual – muito comum, sobretudo, no jornalismo online.

Visto que os jornalistas cumprem uma função de mediação legitimada e elementar no corpo social, na divulgação científica não é diferente: o jornalista vai intermediar a ciência e a sociedade, fazendo uma ponte entre os dois polos. O jornalismo científico vai, então, apontar um caminho, uma alternativa possível que contribui para a “alfabetização crescente da sociedade” (BERTOLLI FILHO, 2006, p.27). Seu resultado ressignifica a produção científica e a leitura da sociedade em relação a ela:

A meta do jornalista científico deve ser fornecer informações contextualizadas capazes de esclarecer conceitos, teorias, ideias e noções que não estejam claras para o público e que tenham grande importância para a sociedade. Além de fazer relacionar de forma crítica os vários fatores que circundam a ciência. (MAIA; GOMES, 2006, p.11)

Logo, o jornalismo científico transcende as páginas das editorias de C&T, aplicando-se nos mais variados assuntos cotidianos e sempre se mantendo fiel ao compromisso de gerar interrogações, dúvidas da experiência humana. O “de onde viemos e para onde vamos?” ganha outra dimensão: não a de viagens interplanetárias, guerra nas estrelas e ogivas nucleares, mas em termos de democratização dos saberes.

Nossas questões iniciais são que existem deficiências na divulgação científica e que essas não permitem que elas cumpram seu papel de democratizar C&T. A pesquisa¹¹ de 2015, realizada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação juntamente ao Centro de Gestão em Estudos Estratégicos, é um exemplo disso. Os dados mostravam que 61% dos entrevistados se interessavam pelo tema de Ciência e Tecnologia, mas apenas 13% sabiam nomear alguma instituição de pesquisa, mostrando que há sim demanda de divulgação científica, mas há problemas em como.

Partindo desse pressuposto, procuramos saber o que estava sendo noticiado e quem era a notícia. A partir desse rastreo, nossas intenções iam a favor de perceber, no objeto e na notícia em si, indícios que nos possibilitassem seguir essa discussão sobre as motivações de C&T não estarem difundidas nas camadas populares.

¹¹ Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10182/734063/percepcao_web.pdf.

4. Ciência e Tecnologia no G1.com: coleta e análise de dados

Desse modo, toda a discussão recai sobre o nosso objeto de estudo: as notícias publicadas no G1.com. O *corpus* da pesquisa consistia nas notícias da editoria “Ciência E Saúde” do portal de notícias G1, como havia sido citado anteriormente, num recorte temporal de primeiro a vinte de março de 2019. Dentro desse período, 95 (noventa e cinco) notícias foram coletadas. O estudo se baseia em análises quanti-qualitativas.

Primeiramente, organizamos as amostras em alguns critérios. O primeiro deles foi a numeração por ordem proporcional da coleta – a primeira notícia a ser arquivada consta como número um, a segunda notícia como número dois e assim por diante. O seguinte, por data de postagem. A terceira, por tema da matéria coletada, em que fizemos um breve resumo de cada notícia. O quarto critério era o de Área do Conhecimento, em que tomamos a definição da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹². E, por último, a abrangência da notícia, que se dividia em dois eixos: nacional ou internacional, em que das noventa e cinco, sessenta e quatro eram internacionais e trinta e quatro ocorreram em território nacional.

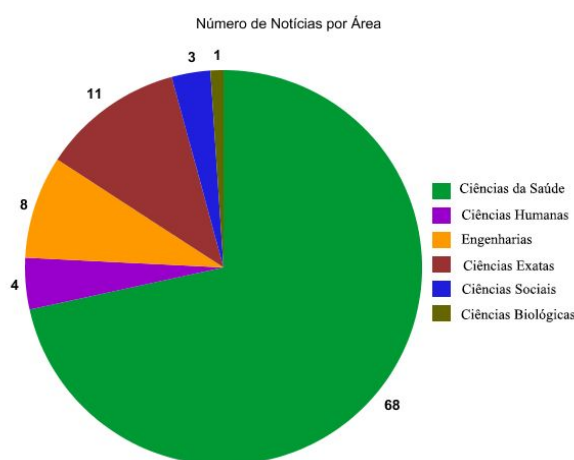


Imagem 1: Gráfico quantitativo do número de notícias por área do conhecimento num universo de noventa e cinco amostras

¹² Disponível em: <https://goo.gl/hWvT4Q>.

Número	Data da reportagem	Tema	Área do conhecimento	Abrangência do tema
1	01/03/2019	Hayabusa-2 e sua missão de estudar de perto o asteroide Ryugu	Engenharias	Internacional
2	01/03/2019	Sobre a meningite que matou o neto de Lula explicando os tipos de meningite, além de formas de diagnóstico, tratamento e prevenção.	Ciências da Saúde	Nacional
3	01/03/2019	O G1 respondeu perguntas sobre o tipo de meningite que matou o neto de Lula.	Ciências da Saúde	Nacional

Imagem 2: Cabeça do quadro de análise

Em uma análise de nossos dados recolhidos, podemos perceber que a área do conhecimento que mais foi representada dentro da amostra foi “Ciências da Saúde”, superando até mesmo “Ciências Exatas” e “Engenharias”, que geralmente são máximas quando o assunto é ciência. Todavia, como é comum no meio científico: as ditas “Ciências Humanas” e “Ciências Sociais” foram minimamente representadas¹³. Isso pode se dar pela instrumentalização da C&T que Castelfranchi (2010) aponta ao dizer que a ciência é vista de um ponto de vista prático, que ensina como fazer dieta ou qual celular comprar baseado no avanço da tecnologia.

Nesse ponto, a divulgação científica encontra as pautas da sociedade, porque a difusão do conhecimento científico está ligada ao bom funcionamento da democracia. A questão em se entra é: o jornalismo científico da forma que ocorre orienta ou confunde? Para Oliveira (2002), o jornalismo que não se compromete em ser crítico com a pesquisa e com o cientista que a faz não colabora para manutenção da cultura científica.

É inegável que comunicar ciência ao público é primordial e o que se espera de uma sociedade que se denomina em rede, além de ser uma das bases da democratização do conhecimento (CASTELFRANCHI, 2010). Comunicar ciência democratiza e faz chegar ao grande público decisões, avanços e retrocessos que estão em voga na comunidade científica. As discussões passam a não estarem apenas concentradas no espaço acadêmico, mas a quem os meios de comunicação conseguem chegar.

¹³ Segundo Bertolli Filho (2006), “tornou-se ponto comum na mídia aceitar que as matérias integrantes das revistas, cadernos e seções de ciência devem se reportar quase que exclusivamente às chamadas ciências básicas (Física, Química e Biologia) e às ciências aplicadas (Engenharia, Medicina, Agronomia, dentre outras), eliminando ou minimizando as possíveis matérias voltadas para as ciências humanas [...]. A estas últimas são reservados outros espaços da mídia, tais como os programas de variedade na televisão e no rádio e os cadernos culturais dos jornais e das revistas.” (p.6)

A comunidade científica pauta as discussões da sociedade, mas o contrário também é válido. Ocorridos do dia a dia viram gancho para notícias. Para França (2012), o acontecimento que vira notícia ganha vida simbólica quando chega à realidade material e passa a se entrelaçar ao cotidiano das pessoas.

Nesse sentido, o portal G1 cumpre seu papel ao divulgar ciência com uma média de 4,5 notícias por dia e sendo diversificado dentro do próprio nicho. Naquilo que enquadrados como Ciências da Saúde, vários tons narrativos são encontrados, desde a epopeia do conhecimento na produção de miniórgãos feitos em laboratórios até as sessões “bem-estar” direcionadas a públicos idosos e que eram narradas quase como crônicas pessoais e tratando de assuntos como velhice e legado pós-morte.

Nos cabe, no entanto, fazer críticas. O portal age como divulgador científico e isso, por si só, alimenta a cultura científica, contudo, ainda existem caminhos a serem percorridos até que se chegue em bases sólidas, orientando plenamente, e se cumpra uma de suas obrigações: aproximar o cidadão sem tradição científica para que ele possa reivindicar melhorias no bem-estar coletivo, como elucida Oliveira (2002).

Para começar, questionamos: quem são os sujeitos que, a partir dessas análises, constroem a ciência? Numa visão rápida, logo sabemos de onde eles vêm, ou melhor, de onde não vêm. O cientista e o estudo no qual se envolve não são brasileiros. Isso não se dá pelo fato de que o Brasil não produz ciência, muito pelo contrário, como já afirmamos anteriormente, o país está muito bem colocado diante das grandes potências.

O segundo ponto que trazemos para discussão é a forma como esses textos estão escritos, sua linguagem. Sabemos que existe uma ponte a ser atravessada em termos de linguagem, pois a usada em artigos acadêmicos nem sempre convém e se faz entendível ao público leigo – como Oliveira (2002) aponta, em muitos casos, o excesso de confiança no oficialismo e apego ao senso comum fazem com que o comunicador científico se atenha a usar os jargões da área.

Qualquer que seja a modalidade utilizada, a aproximação das populações à ciência está longe de ser tarefa fácil ou isenta de contradições. [...] A dificuldade de articulação entre as linguagens dominantes no campo científico, no meio escolar, nos meios de comunicação de massa ou na vida cotidiana em geral tende, pois, a estar latente em qualquer daquelas atividades. (CONCEIÇÃO, 2010, p.24)

Mesmo sendo o objetivo atingir um público amplo e não sujeitos já ligados a ciência ou de algum modo de dentro do campo científico, muitas vezes a linguagem caminhava para o extremo oposto do “academiquês”, partindo para simplificações e generalizações que não esclarecem. Não questionamos de forma alguma as vantagens de se adequar o texto ao popular, mas sim as perdas que extremar essa adequação, chegando ao fantasioso e irreal, pode causar.

No nicho “Ciências da Saúde”, havia notícias que caminhavam para o que as de visão romântica na área espacial iam em direção, de redução e resolução de problemas por meio das novas tecnologias e, sobretudo, com apelo sensacionalista, porque mostravam inovações em narrativas quase novelísticas. A informação consta no texto, o clássico lide possui o necessário, os estudos vêm de fontes sérias e conceituadas, mas a narrativas é romântica. Há o questionamento por parte da Oliveira (2002) sobre até que ponto essa divulgação contribui para o esclarecimento da opinião pública, quanto a importâncias e os benefícios reais das atividades científicas.

Como inteligência artificial usa voz e sinais vitais para prever briga de casal

A maneira como falamos com nosso cônjuge pode contradizer nossos verdadeiros sentimentos, e a inteligência artificial aprendeu a perceber isso para prever se o seu amor vai durar.

Imagem 3: A amostra de número doze é uma notícia sobre a inteligência artificial sendo usada para avaliar feição e tom de voz para identificar sinais de briga

Suponha que seu relacionamento subiu no telhado. Você vem tentando resolver seus problemas a dois, com terapia de casal, mas no final das contas, quer saber se o esforço vai valer a pena. As coisas vão melhorar ou piorar?

A recomendação pode parecer óbvia: pare por um segundo e escute seu parceiro. Faça isso. Quando falamos um com o outro, nossas vozes contêm todo tipo de informação que pode revelar a resposta. Inflexões sutis no tom, as pausas entre as frases, o volume em que você fala - tudo isso transmite sinais ocultos sobre como você realmente se sente.

Imagem 4: Já no corpo da notícia da amostra doze o início conta uma história que serve para inteirar e integrar o leitor dentro da pesquisa, mas que apela para uma narrativa quase fantástica

Já naquelas que realmente tratam da área espacial, os ditos de Oliveira (2002) se fazem absolutamente verdadeiros. Na imagem abaixo, a manchete quase vinda do enredo de algum conto *sci-fi* em que cientistas descobrem corpos estelares no céu num sinal de pura sorte. No entanto, ao ler a matéria, percebe-se que não havia nada de “por acaso” na descoberta.

O cientista em questão se debruçava nessa busca por aglomerados de estrelas, criou a ferramenta para isso, mas no momento em que os achou não procurava por eles, a descoberta não foi obra do acaso, apenas o momento. O título gera certa ambiguidade e o caso, curiosidade – aspectos que podem chamar a atenção do leitor, mas não trazem verdades significativas.

Como pesquisadores brasileiros descobriram quase por acaso três novos aglomerados de estrelas

Imagem 5: Manchete da notícia

A narrativa romântica, de certa forma, simplifica o estudo do pesquisador e o trata como coincidência. Mais do que atributos objetivos, “as mensagens condensadas nesse conjunto informacional se integram às representações compartilhadas da sociedade” (JACOBUS, 2018, p.175); numa sociedade em que a ciência é tratada como algo longe, utópico e sem utilidade cotidiana, se não pelo utilitarismo, esse tipo de mensagem se faz comum, mas desorienta o leitor que não tem tradição na ciência.

Para Jacobus (2018), o jornalismo científico não deve se limitar a dar respostas, deve instigar a vontade de fazer perguntas se baseando em fontes confiáveis e comprometidas com o diálogo. Só assim há a construção de uma cultura científica de caráter emancipatório. Não acreditamos na divulgação científica isenta de interesses, essa não existe, mas cremos em múltiplas formas de fazer jornalismo científico que comunguem entre si nas bases da criação de uma cultura científica crítica que mobilize pesquisadores, jornalistas e leitores a partir de uma linguagem acessível, mas que ao mesmo tempo realmente informe sem recorrer a romantização.

5. Considerações Finais

Os estudos anteriores sobre o assunto foram unânimes: a divulgação científica serve, sobretudo, para tornar democrática a ciência, ajudando a unir iniciativas como museus da ciência, observatórios e laboratórios abertos ao público e a construir, assim, uma cultura científica junto à sociedade. Trazer isso em voga coloca aspectos instrumentais à disposição da população, desde saber quais medicamentos podem ter efeitos colaterais ou sobre as modificações de alimentos em nível genético até discussões em níveis filosóficos sobre etnicidade e culturas, por exemplo.

Observamos que há sim sua parcela de ganhos na divulgação feita pelo G1: são numerosas, informam sobre feitos que devem estar nas conversas do dia a dia, como a revogação da telemedicina no Brasil ou a importância da vacinação. No entanto, este modesto artigo não se esgota em si mesmo e procura abrir discussões. A maneira como essa divulgação acontece é a ideal, o melhor que se pode fazer? É a que tem maior capacidade de fomentar discussões críticas e longe do senso comum?

Por fim, consideramos que o caminho que a divulgação científica tem a percorrer no Brasil ainda é longo. Em tempos de queima do Museu Nacional, cortes de bolsas e desincentivo à pesquisa, lançam-se ainda mais obstáculos sobre a caminhada. No entanto, entendemos que cada passo é fundamental e que as conquistas já alcançadas não podem ser deixadas para trás. Afinal, quando o G1 e outros portais abrem espaço para debater ciência se dá um ato de resistência.

Referências Bibliográficas

BERTOCCHI, Daniela. **Dos dados aos formatos: o sistema narrativo no jornalismo digital**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 2014.

BERTOLLI FILHO, C. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, 2006, p. 1-32. Disponível em: <<https://goo.gl/UMJie7>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CASTELFRANCHI, Y. **Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público?** In: *Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana*. 2010. Disponível em: <<https://www.aecomunicacioncientifica.org/wp-content/uploads/Jornalismo-e-ciencia.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

CONCEIÇÃO, C. P. **“Modos de promoção da cultura científica: Explorando a diversidade e a complementaridade”**. In: Em: Massarani, L. (coord.). *Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC/Museu da Vida, 2010.

SOUZA, Sarah Christina de Oliveira; COUTINHO, Rhanica Evelise Toledo. **Jornalismo Científico: Levantamento do Estado do Conhecimento no Intercom Júnior**. In: XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (UnB). Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; Brasília, 2006. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-0362-1.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

FIORAVANTI, Carlos Henrique. **Um enfoque mais amplo para o Jornalismo Científico**. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 36, n. 2, 2013.

FRANÇA, Vera. **O acontecimento e a mídia**. Galáxia (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/12939/9406>>. Acesso em: 24 mar. 2019

JACOBUS, D. M. **O jornalismo e a ciência na revista Ciência Hoje das Crianças (1986-2016)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2018.

KLAUS, F. **Desenvolvimento sustentável local na sociedade em rede: o potencial das novas tecnologias de informação e comunicação**. Revista de Sociologia e Política, n. 21, 2003.

LOOSE, Eloisa Beling; DE LIMA, Myrian Regina Del Vecchio. **A ciência nos portais de notícias: notas para pensar a popularização científica a partir do jornalismo online**. Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, v. 12, n. 23, 2013.

MAIA, Kênia Beatriz Ferreira; GOMES, Ana Cecília Aragão. **Para Pensar o Fazer e a Pesquisa em Divulgação Científica e Jornalismo Científico**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (UnB). Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; Brasília, 2006. Disponível em: <www.portcom.intercom.org.br/pdfs/140740066232613719751173427209646947265.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2019.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. Editora Contexto, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Volume I - Porque as notícias são como são. Florianópolis: Editora Insular, 2012.